

Invasões crescem e alarmam GDF

Malu Pires

A invasão da Boca da Mata, em Taguatinga, voltou a crescer. Incentivadas pela interpretação errônea do compromisso do governador Joaquim Roriz de resolver o problema das invasões empurradas pelos altos aluguéis, o arrocho salarial e o desemprego, e influenciadas pela indústria de invasões, mais de três mil famílias ergueram, em menos de 30 dias, seus barracos no local.

Onde antes moravam cerca de 200 famílias existe hoje uma pequena cidade improvisada de madeira, plástico e mau cheiro. Os barracos, como contam os próprios invasores, são erguidos à noite, quando não há fiscalização da Terracap, proprietária do terreno, e nesta empreitada entra o esforço de toda a família.

As construções, entretanto, não são baratas. Um barraco de madeira que, em média, mede quatro metros de largura por oito de comprimento, não fica por menos de Cz\$ 40 a Cz\$ 50 mil. Os de plásticos, com as mesmas medidas, saem em torno de Cz\$ 20 mil, dinheiro tirado de um orçamento que às vezes é menor do que o salário mínimo de Cz\$ 30.800 mil.

Apesar da pouca renda, há família que consegue água e latrina, bens valorizados na invasão e divididos com quem não tem. Uma cisterna não fica por menos de Cz\$ 2.200 e a latrina em torno de Cz\$ 1.500, gastos que a maioria adia já que, para eles, o importante é a construção do barraco.

Quem são

Francisco Martins, casado, cinco filhos, pedreiro desempregado há três meses, é um dos invasores que contam em seu barraco com cisterna e latrina. Há um mês ele morava em Brazlândia casa com um quarto, sala e banheiro coletivo onde pagava aluguel de Cz\$ 25 mil. Com os Cz\$ 40 mil que tirava quando trabalhava "ainda dava para levar", mas com o vencimento do contrato e o desemprego, teve que desocupar a residência.

Quando estava para sair, um "amigo" lhe contou que era "intenção" do governador Joaquim Roriz "regularizar as invasões". "Não pensei duas vezes, arranjei a madeira e me mudei para cá", disse.

Para ele, a casa própria "é um sonho e uma necessidade" e as dificuldades que encontra hoje na Boca da Mata "são pequenas, perto do que passava no Cariri(CE)", sua cidade natal.

Sua opinião e o meio pelo qual foi parar na Boca da Mata são os mesmos de Maria Divina da Silva, solteira, uma filha, também ex-moradora de Brazlândia. "Há dois meses fiquei sabendo que estava havendo uma invasão aqui e que poderia ser regularizada, e, então, eu vim", disse. O que a levou a invadir o terreno da Terracap, segundo afirmou, foi também o desemprego, a falta de dinheiro e o reajuste do seu aluguel.

Já o vigia Valdomiro Alves Peixoto, solteiro, veio de Ceilândia, onde os aluguéis estão em alta, assim como o nível do desemprego. O importante para ele "é ter onde dormir", e para isto "vale a pena correr o risco de invadir". Seu ponto de vista é o mesmo de Maria do Carmo Brito da Silva, casada, três filhos e dona-de-casa. Morando há três meses na Boca da Mata, ela não se queixa das precárias condições de saneamento "é melhor conviver com o fedor do que gastar o dinheiro com: ônibus e aluguel e passar fome", ressaltou.

Realidade

A indústria da invasão, entretanto, é uma realidade. Aproveitando a necessidade dos que não têm onde morar, juntam-se a estes os que lucram com a política habitacional do governo e com a ignorância dos invasores. Pelo menos três barracos tinham ontem estacionados em suas portas carros novos — uma Kombi amarela, uma branca e um Chevette azul.

Outros têm televisão e alguns estão bem construídos e possuem até cortinas nas janelas. O comércio de venda de ponto também existe e o preço, em média, para quem quer comprar um barraco varia de Cz\$ 30 mil a Cz\$ 50 mil, segundo depoimento dos invasores. De acordo com o presidente da Associação dos Invasores da Boca da Mata, Eufrásio Primo, muitos dos invasores que estão no local "possuem casas em outros lugares e estão ali fazendo ponto". O objetivo destas pessoas, disse, "é conseguir uma casa do governo ou lote e depois revendê-los".



A cada dia chegam novos invasores na Boca da Mata, que já abriga três mil famílias

Fotos: Ivaldo Cavalcante